

# A Pinacoteca do Ceará como espaço cultural: quem acessa esse equipamento?

## The Pinacoteca do Ceará as cultural space: who accesses this equipment?

Lilian Maria da Silva Mello<sup>1</sup>, Manuel Naiury Guedes de Sousa<sup>2</sup>

1 0000-0003-0506-6028, Universidade Estadual do Ceará, lilian.mello@aluno.uece.br, 2 0009-0008-0359-0516, Universidade Estadual do Ceará, manuel.naiury@aluno.uece.br

### RESUMO

O trabalho se insere dentro dos estudos referentes à arte, cultura e educação não formal, emergindo a partir da disciplina de Prática VI, do curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Estadual do Ceará. A pesquisa busca compreender qual o público que consome o equipamento cultural conhecido como: Pinacoteca do Ceará. A metodologia utilizada fundamenta-se em uma abordagem qualitativa com uso de técnica de entrevista semiestruturada, pesquisa documental, levantamento bibliográfico e entrevistas com interlocutoras. Os referenciais teóricos são: Bourdieu (1998), que discute capital cultural; Catini (2011), cuja discussão retrata a educação não formal e Talhari (2014), que denota o museu como espaço cultural e de sociabilidade.

**Palavras-chave:** Arte; Educação não formal; Cultura; Equipamento cultural.

### ABSTRACT

The work is part of studies related to art, culture and non-formal education, emerging from the discipline of Practice VI, of the Degree in Social Sciences at the State University of Ceará. The research seeks to understand who is the target audience that consumes the cultural equipment, known as: Pinacoteca do Ceará. The methodology used is based on a qualitative approach using a semi-structured interview technique, documentary research, bibliographical survey and interviews with interlocutors. The theoretical references are: Bourdieu (1998), who discusses cultural capital; Catini (2011), whose discussion portrays non-formal education and Talhari (2014), who denotes the museum as a cultural and sociability space.

**Keywords:** Art; Non-formal education; Culture; Cultural equipment.

## 1. INTRODUÇÃO

Os equipamentos culturais, como demonstra o site *Anuário do Ceará*, vêm ocupando, nos últimos anos, cada vez mais espaços na cidade de Fortaleza-CE. Esses implementos são mantidos pela Secretaria Municipal da Cultura de Fortaleza (SECULTFOR), como, por exemplo: Biblioteca Pública Municipal Cristina Poeta, Mercado Cultural dos Pinhões, Vila das Artes, entre diversas possibilidades e as formas de saberes que ocorrem nesses ambientes. Vale ressaltar que, conforme vão surgindo tais equipamentos culturais, os indivíduos que acessam esses espaços

sociais são impactados, pois ocorrem interações sociais de forma imediata, sendo um meio de sociabilidade e, também, um território cultural.

As formas de ensino têm sido pautadas por uma fragmentação do conhecimento e do saber em que há divergências — e um possível estranhamento com o uso desses termos — e as dimensões que abrangem o campo do conhecimento, do saber e da educação são complexas.

Segundo Catini (2011), a partir das discussões que foram trazidas pela autora, o ponto de inflexão da mudança da educação populista para a educação não formal refere-se ao processo de acumulação de práticas educacionais dirigidas às elites pelas instituições da classe dominante sob diversas formas.

Para discutir a transitoriedade da educação não formal, é fundamental compreendermos através de uma breve contextualização histórica. A educação não formal ocorre para além do sistema formal de ensino, conforme estamos adaptados(as) e acostumados(as).

A partir da década de 90, a educação não formal adquiriu maior expressão, fazendo-se presente na economia, na área trabalhista e na sociedade em geral, quando se passaram a estimular os processos de aprendizagem em grupos e a dar-se amplo destaque aos valores culturais que articulam as ações dos indivíduos. Seu objetivo não é substituir o ensino formal/escola, mas complementar a educação que é fornecida nos processos regulares de ensino, buscando capacitar os indivíduos e integrá-los à sociedade. Nesse sentido, mostra-se essencial para a formação do indivíduo em qualquer faixa etária. Buscando atender às necessidades do país e suprir as carências existentes, foram criadas instituições voltadas para a formação profissional, estas, por sua vez, trabalham tanto com a educação formal quanto a não formal (ROCHA; GUARÇONI, 2017, p. 2).

Nesse sentido, quando traçamos a trajetória política da educação não formal e, diversas vezes, consideramos a escola somente como entendimento para formas de saberes, é válido ressaltar a interação da escola para e com formação da cidadania. Segundo Gohn (2004), a comunidade educativa pode ser validada como um espaço de liberdade e realimentação de utopias, pois tende a viabilizar essa

educação emancipatória. A autora Bell Hooks, em sua obra *Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança (2021)*, dialoga com essa ideia de uma educação emancipatória, sendo esta uma possibilidade de libertação. Quando compreendemos a Educação, associamos esta especificamente somente ao espaço formal e denotamos esse lugar como uma possível forma de conhecimento e saber. Os espaços de educação não formal devem ser reconhecidos por diversas atividades que são propostas, como: tarefas pedagógicas, propostas lúdicas, propostas que alcancem os/as moradores/as do bairro e etc.

Assim, buscamos focar em um equipamento cultural específico, a Pinacoteca do Ceará, um museu integrativo da Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, localizado no Complexo Cultural Estação das Artes, no bairro Centro, em Fortaleza-CE. Inaugurada em dezembro de 2022 com o intuito de possibilitar uma correlação entre a arte e a educação a partir das práxis artísticas. Compreendendo a arte como uma produção, uma forma de expressão da subjetividade humana.

Dado isso, a partir da nossa primeira visita, percebemos que as exposições costumam ser divulgadas através das redes sociais da instituição, desta maneira, trazemos: Quem são os indivíduos que estão obtendo acesso a essas artes e às redes sociais com facilidade? Será que há jovens ocupando esse equipamento cultural? Será que a exposição “Negros na piscina” tem visitantes negros(as)? Será que há estudantes das escolas periféricas de Fortaleza-CE acessando esse espaço?

Pensando em traçar tais fatores em relação a esse respectivo espaço, torna-se fundamental perceber que nem todos os indivíduos possuem os mesmos acessos e privilégios de usufruir determinados elementos presentes na sociedade, ocorrendo, assim, circulações mais frequentes de um público específico. O autor Pierre Bourdieu (1998) diz que esses fundamentos culturais em uma sociedade

composta por desigualdades sociais (e, subsequentemente, dividida por classes), as classes dominantes usufruem de tais meios, sendo mais favorecidas e impondo formas de cultura.

Podemos analisar a cultura como um conjunto de crenças, conhecimentos e valores, os quais determinam, constroem e dão originalidade a um respectivo grupo. Segundo Bourdieu (1998), a cultura, numa sociedade dividida por classes, se transforma em instrumento de moeda (capital), tornando-se, assim, mecanismo de dominação. Os indivíduos podem acumular capitais ou adquiri-los em determinadas circunstâncias, mas o capital cultural está envolvido com diversos elementos presentes no meio social (acesso à educação, saúde, esporte, lazer, equipamentos culturais, entre outros). Desta maneira, o autor denota, ainda, que as classes dominantes acabam por supervalorizar suas culturas e marginalizar as expressões das classes menos privilegiadas (dominadas) e, assim, usufruindo da cultura como uma forma de troca para reforçar as diferenças. Portanto, é possível notar que essa constituição de conhecimentos, crenças, valores, entre outros, podem ser utilizados como instrumentos de dominação.

A relação do capital cultural com a estrutura social ocorre ainda na infância, quando o indivíduo está em seu processo de desenvolvimento. Nessa fase, os responsáveis que desfrutam do uso de materiais e da cultura encaminharão para os(as) seus(suas) filhos(as) determinados valores, aprendizados e simbologias. Assim, com o capital cultural, esses(as) estudantes são beneficiados durante os seus processos de socialização e aprendizagem, assim como nas leituras, conhecimentos, etc. Desta maneira, carregarão consigo experiências e saberes que a classe trabalhadora não tem acesso. Nesse sentido, os estudantes menos privilegiados sofrerão desvantagens em relação aos estudantes da classe dominante, pois o capital

cultural a ele/ela foi negado em decorrência dessas desigualdades. Dessa forma, seu aprendizado também sofrerá influências.

Segundo Catini (2011), a apreensão crítica – histórica e sociológica – da educação não formal torna inteligível um processo de longa data que também transformou as instituições empresariais em grandes agentes da educação das classes trabalhadoras atuais, não só presidindo políticas educacionais das reformas em curso, mas também controlando, efetivamente, um número imensurável de práticas formativas de crianças e jovens das periferias das grandes cidades por meio de seus projetos sociais. O que perdura, portanto, é a tutela privatista e empresarial da educação popular, com o desenvolvimento de formas associativas cada vez mais complexas, e a fusão entre direito público e direito privado sob discursos democráticos de defesa dos direitos sociais.

Segundo Talhari (2014), uma das primeiras tarefas dos estudos voltados para a análise das práticas de sociabilidade e interação dos museus públicos é a descrição e classificação dos atores sociais, ou seja, das pessoas que compõem o público. Conseguir isso por meio da observação etnográfica não é uma tarefa fácil, pois o fluxo de visitantes é variável e os contatos são episódicos. Embora os padrões de comportamento, a postura, as formas de vestir, o conteúdo das conversas ouvidas durante as exposições, ou mesmo em outros espaços do museu, entre outros signos que possam ser percebidos como signos de diferenças, alguns vestígios podem ser traçados – não apenas de classe ou origem social, mas também de gênero, raça, estilo de vida e qualidade de gosto. A verdade entre os visitantes é que devem ser utilizadas ferramentas que tornem a estrutura da análise mais precisa.

Nesse caso, é possível constatar que esses lugares passam por constantes processos de reformulação para possibilitar aproximação de diversos indivíduos,

mas cabe ressaltar que, apesar de ser localizado em uma região central, ainda é considerado um recinto elitista. Então, procuramos perceber se há, de forma efetiva, a presença de diversas classes sociais e de perfis raciais nesse espaço.

## **2. MÉTODO**

Inicialmente, para conseguirmos suprir os objetivos da pesquisa, procedemos às observações semanais realizadas na Pinacoteca do Estado do Ceará, sendo instituídas no mês de março 2023 até junho 2023, as observações se deram no formato presencial, com duração de duas a três horas no turno da tarde. Além disso, para traçar esses parâmetros, foram desempenhadas entrevistas, totalizando cinco, com o público que frequenta esse espaço, com a coordenação e, em específico, com um indivíduo que atua na recepção desta instituição.

O trabalho etnográfico foi um ponto fundamental para chegarmos a uma ótica de curiosidade. Para o desenvolvimento da pesquisa, foram utilizados recursos de investigação, como: observação direta, entrevistas semiestruturadas com visitantes e atuantes da instituição que estão no espaço da Pinacoteca do Ceará, uso do material bibliográfico para obter embasamento teórico, e a transcrição das entrevistas com intuito de manter a autonomia das interlocutoras. Reforçamos que as conversas foram autorizadas por todos(as) aqueles(as) que colaboraram, pois a forma de garantir a independência dos(as) usuários(as) que participaram se deu pela gravação por áudio. Para manter a privacidade das interlocutoras, foram usados nomes fictícios.

Posteriormente, foi solicitada a autorização para serem concedidas as entrevistas, independente do público, a funcionários ou visitantes. Dito isto, para

manter a formalidade, um ofício foi disponibilizado pela coordenação do curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual do Ceará para a Pinacoteca do Ceará, a fim de assegurar que as informações serão mantidas em sigilo. As entrevistas auxiliam para o processo da nossa pesquisa e colaboram para a investigação do objeto de estudo. As discussões que haviam sido colocadas em pautas surgiram a partir dessas questões, um formato para mediadores ou coordenadores da instituição e um formato para visitante, perguntas para atuantes da instituição: Qual o perfil dos visitantes da Pinacoteca do Ceará; A Pinacoteca do Ceará, como equipamento cultural, é acessível? Não somente relacionada a pessoas com deficiência, mas em termos de diversidades de perfis, de estudantes, de classes sociais. As perguntas realizadas para visitantes: É a sua primeira vez visitando esse espaço? Você considera a Pinacoteca do Ceará um espaço educativo? Em sua opinião, qual a importância desse equipamento cultural para a cidade?

Finalmente, para a realização desta pesquisa, foram estabelecidos encontros, em que partilhamos as vivências e percepções que tivemos a partir de observações etnográficas individuais, de modo a contribuir para a constituição coletiva do trabalho.

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Dessa forma, a discussão sobre quem acessa esse local com mais facilidade e como se dá o processo educacional contribuiu, sobremaneira, para possíveis questionamentos, como: Quem são as pessoas que estão presentes neste espaço? Quem acessa com mais frequência a instituição? Nesse contexto, essas são as condições principais que nos cativam a compreender quais os alcances que podem

ser possibilitados a partir desse ambiente. A Pinacoteca do Ceará está localizada no Centro da cidade de Fortaleza-CE, o que, de imediato, associamos a fácil acessibilidade ao equipamento, mas é válido considerar quem são os indivíduos que estão consumindo essas obras de artes com mais facilidade.

Quando entendermos que a discussão sobre atividades educacionais se dá em espaços formais, não formais, populares ou em quaisquer outros locais, poderemos analisar a importância dos impactos que são causados através desses ambientes. Segundo Quadra e D'Ávila (2016), a educação não formal pode promover: a sensação de sentir primeiro, aprender depois; a forma de socializar nesses espaços de forma estimulada; a desfragmentação de conteúdos e, se ocorrer algo voltado para esses assuntos, há uma metodologia bem mais dinâmica entre as diversas possibilidades.

Pensando em traçar tais fatores em relação a esse respectivo espaço, torna-se fundamental perceber que nem todos os indivíduos possuem os mesmos acessos e privilégios de usufruir determinados elementos presentes na sociedade, ocorrendo, assim, circulações com mais frequência de um público específico. O autor Pierre Bourdieu (1998) reflete que esses fundamentos culturais em uma sociedade composta por desigualdades sociais (e, subsequentemente, dividida por classes), as classes dominantes usufruem de tais meios, sendo mais favorecidas e impondo formas de cultura. Para dialogar de forma mais efetiva com o conceito de capital cultural trazido pelo autor, é possível entender que os bens materiais e simbólicos são geradores de reconhecimento social, cultural e respeito. Nesse contexto, o capital cultural evidencia a existência de outras riquezas que também dividem a sociedade e não apenas o capital econômico. No trecho a seguir, descreve a discussão acima:



Capital cultural é uma expressão cunhada e utilizada por Bourdieu para analisar situações de classe na sociedade. De uma certa forma, o capital cultural serve para caracterizar subculturas de classe ou de setores de classe. Com efeito, uma grande parte da obra de Bourdieu é dedicada à descrição minuciosa da cultura – num sentido amplo de gostos, estilos, valores, estruturas psicológicas, etc. – que decorre das condições de vida específicas das diferentes classes, moldando as suas características e contribuindo para distinguir, por exemplo, a burguesia tradicional da nova pequena burguesia e esta da classe trabalhadora. Entretanto, o capital cultural é mais do que uma subcultura de classe; é tido como um recurso de poder que equivale e se destaca – no duplo sentido de se separar e de ter uma relevância especial – de outros recursos, especialmente, e tendo como referência básica, os recursos econômicos. Daí o termo capital associado ao termo cultura; uma analogia ao poder e ao aspecto utilitário relacionado à posse de determinadas informações, aos gostos e atividades culturais. Além do capital cultural, existiriam as outras formas básicas de capital: o capital econômico, o capital social (os contatos) e o capital simbólico (o prestígio) que juntos formam as classes sociais ou o espaço multidimensional das formas de poder... (SILVA, 1995, p. 24).

Os bens simbólicos, abarcados como capital cultural, existem em três modalidades: 1. Como disposição ou predisposição (posturas corporais, preferências estéticas, habilidades linguísticas); 2. Como posse de bens – estado objetivado – (livro, quadros, galerias de arte, objetos armazenados em museus, bibliotecas) 3. Como reconhecimento institucional de habilidades/competências adquiridas (diploma, certificado, atestado...).

Os espaços culturais contribuem para nossa formação cultural e formas de saberes, sendo indispensável haver diversidade, acessibilidade; para além do englobamento referente as pessoas com deficiência, mas, também, de localidade. Esses espaços, por vezes, se distanciam das periferias e acabam por contemplar, com maior ênfase, regiões elitizadas. Desta forma, vale ressaltar como essas fragmentações vêm sendo dinamizadas.

A partir de nossa experiência, compreendemos que os objetivos do museu vêm se desenvolvendo de acordo com as formas de ações pedagógicas, sendo elas: possibilitar aos(às) visitantes formas de reflexões a partir das obras expostas; estimular o pensamento e a criatividade desse público-alvo com o propósito de fazê-los compreender as mensagens que estão expostas por meio da arte; desenvolver a

capacidade de observação dentro do espaço, pois há diversos artistas para apreciar de forma mais efetiva, assim como inúmeras artes que estão dentro do equipamento cultural.

Com os dados qualitativos e as entrevistas, ressaltamos que as propostas da Pinacoteca buscam atuar com públicos diversificados, com ajustes de horários para que possam propiciar e atender os indivíduos que estejam em horário comercial de trabalho.

Consideramos importante trazer neste contexto que a ideia de repensar no público externo é imprescindível, mas contribuir para o público interno (os que atuam) na Pinacoteca, é imensamente válido. Esses pontos se sobrepuseram dentro da entrevista, pois, no decorrer desta, foi discutido que há uma ficha de inscrição para as formações. Com isso, dependendo da demanda dessa formação e se o público majoritário for branco, por exemplo, há uma flexibilização para diversificar esse público e não se manter focado totalmente nessas pessoas.

Posto que seja significativo incluir os diversos perfis sociais e raciais dentro desses espaços, argumentamos que, a partir dos relatos analisados (através de entrevistas semiestruturadas) e observações, há núcleos que promovem a articulação de indivíduos que estão em situação de vulnerabilidade social.

Em suma, destacamos que a dinamização do diálogo se tornou um dos fatores principais que colaboraram para a nossa pesquisa, pois, a partir disso, foi perceptível discernir as diversas convicções que são atravessadas àquelas pessoas que estão presentes naquele espaço. Entretanto, observamos a importância de trazer essa discussão através desse conteúdo para que possamos perceber a fundamentação da população ocupar esses espaços. Foram entrevistadas cinco pessoas no total, sendo uma a coordenadora da instituição, um funcionário que atua

na recepção e três visitantes. Nesse contexto, suscitamos as entrevistas mais pertinentes para as propostas trazidas no decorrer da pesquisa. Conforme a seguir, ressalto o diálogo estabelecido pela coordenadora:

Eu acho que nesse começo de abertura existe uma tentativa dessa democratização do acesso. Das exposições que tiveram, a exposição do Ceará tem artistas trans, artistas de LGBTQI+, artistas negros e indígenas, artistas jovens. A gente conversa com artistas mais consolidados, mais antigos. Mas se tentou muito também ter essa dinamização de artistas, de que as pessoas pudessem vir e se reconhecer de alguma forma nesse espaço. (Lucivânia – Entrevista realizada com membro da Pinacoteca do Ceará, 2023).

A seguir, a visitante que possui a faixa etária de 22 discute a importância do equipamento cultural:

Olha, eu estava até comentando que aqui é um espaço tão agradável, né, que acho que os jovens podem começar até a buscar aqui nem com o intuito de conhecer a arte em si, mas de se sentir confortável, um ambiente calmo, né? Então eu acho que isso pode impactar, começa a impactar dessa forma até a pessoa criar gosto de estar num ambiente assim e passar a frequentar com outro objetivo, né? Que seja apreciar e conhecer melhor os artistas e em seguida, trouxe a questão do público referente às formações, o integrante que atua na recepção respondeu: artistas jovens, artistas da periferia procurando os cursos, procurando as formações. Mas esses dados podem ser bem legalzinhos com o pessoal do artístico, né? Mas, basicamente, jovens, artistas jovens. (Lidiane – Entrevista realizada com visitante da Pinacoteca do Ceará, 2023).

Com isso, é interessante pensarmos como esses equipamentos culturais podem atravessar esses indivíduos. Assim, a nossa principal busca neste trabalho é entender o funcionamento e a dinamização que ocorre para que haja a inclusão de todos os perfis socioeconômicos e raciais dentro desse espaço. Desta maneira, compreendemos a necessidade de a arte ser um benefício para todos os indivíduos.

A partir das constatações apresentadas, podemos traçar paralelos com a centralidade de alocação da Pinacoteca do Ceará em oposição a outros equipamentos de cultura administrados pela Secretaria da Cultura (SECULT-CE), pois a Pinacoteca pode ser acessada muito facilmente por parcelas periféricas da população. Isso combinado à facilidade de mobilidade através do transporte público

ao Centro de Fortaleza, os esforços para diversificar o fluxo de diversidade dos frequentadores, a apresentação de exposições que promovem artistas de diferentes etnias, classes sociais e identidades, é uma forte oferta de acesso que pode ser barrada ainda por fatores que circulam a dimensão micro. Dimensão essa que é necessária uma intervenção investigativa mais profunda ou, ao menos, mais longa em termos de tempo de pesquisa, uma vez que os dados quantitativos seriam a base para a busca de uma resposta mais concreta.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com o decorrer da ação, o levantamento bibliográfico potencializa a nossa pesquisa, cujo objetivo é conhecer mais referenciais teóricos e agregá-los à nossa trajetória. O processo da etnografia foi fundamental para nos aproximar do campo, pois adentramos como pesquisadores no espaço com outro olhar, mais sociológico e questionador.

Entretanto, apesar da nossa principal análise em investigar o público e focar no aspecto dos perfis socioeconômicos e raciais, é propícia uma pesquisa quantitativa, pois os dados que levantamos são referentes às nossas experiências no campo e aos ingressantes que atuam na Pinacoteca do Ceará, junto com os visitantes. Ressaltamos que é extremamente indispensável que todos os indivíduos, independentemente da sua raça, classe e outras características, possam estar presentes nesses espaços, pois as ocupações desses locais são fundamentais para agregar em caráter de cunho cultural, artístico, social, entre outros.

#### **5. REFERÊNCIAS**

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação** / Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani (organizadores). - Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. - (Ciências sociais da educação).

Revista Educação, Pesquisa e Inclusão, v. 4, p. 1-14, 2023.

<https://doi.org/10.18227/2675-3294repi.v4i1.7887>

CATINI, Carolina. **Educação não formal**: história e crítica de uma forma social. Educ. Pesqui., São Paulo, v. 47, e222980, 2021.

GOHN, Maria da Glória. **A Educação não-formal e a relação escola-comunidade**. In: Revista Eccos, São Paulo, v. 6, n. 2, 2004, pp. 39-65.

HOOKS, Bell. **Ensinando comunidade**: uma pedagogia da esperança. Tradução: Kenia Cardoso. São Paulo: Elefante, 2021.

LIDIANE. **Entrevista**. Fortaleza, 1º junho, 2023.

LUCIVÂNIA. **Entrevista**. Fortaleza, 1º junho, 2023.

QUADRA, Gabrielle Rabello; D'ÁVILA, Sthefane. **Educação Não-Formal: Qual a sua importância**. Revista Brasileira de Zootecnia, Juiz de Fora, 17(2), p. 22-27. 2016. Disponível em: <file:///C:/Users/Meus%20Documentos/Downloads/24644-Texto%20do%20artigo-96785-2-10-20170113.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2023.

ROCHA, Luciana Bellé; GUARÇONI, André. **Educação não-formal e seu processo de avaliação**. Revista Científica Intelletto. Venda Nova do Imigrante, ES, Brasil, v.2, n.2, 2017, p. 54-63.

SILVA, Gilda Olinto do Valle. **Capital cultural, classe e gênero em Bourdieu**. INFORMARE - Cad. Prog. Pós-Grado CioIní, v.1, n.2, p.24-36, jul./dez.1995.

TALHARI, Julio Cesar. **Cultura e sociabilidade no museu de arte**: etnografia dos visitantes da Pinacoteca do Estado. 2014. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Pós-Graduação em Antropologia Social do Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-15042015-153748/pt-br.php>. Acesso em: 22 jun. 2023.

## **SOBRE OS AUTORES**

**Lilian Maria da Silva Mello**. Graduanda na Universidade Estadual do Ceará, cursando atualmente Ciências Sociais, bolsista voluntária do Grupo de Pesquisa e Extensão em Relações Étnico-Raciais, Gênero e Educação (GERE) e bolsista do Programa Residência Pedagógica do curso de Ciências Sociais da UECE.

**Manuel Naiury Guedes de Sousa**. Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades e Curso de Licenciatura em Ciências. Graduando em Ciências Sociais,

na modalidade licenciatura, pela Universidade Estadual do Ceará, bolsista do Programa Residência Pedagógica do curso de Ciências Sociais da UECE.

**PARA CITAR ESTE ARTIGO:**

MELLO, Lilian Maria da Silva. SOUSA, Manuel Naiury Guedes. A PINACOTECA DO CEARÁ COMO ESPAÇO CULTURAL: QUEM ACESSA ESSE EQUIPAMENTO? Revista Educação, Pesquisa e Inclusão, v. 4, p. 1-14, 2023.

**Submetido em:** 10/08/2023

**Revisões requeridas em:** 10/09/2023

**Aprovado em:** 24/09/2023